

A LINGUAGEM EM HEIDEGGER E O LOGOS JUVENIL

Francisco Juceme Rodrigues do Nascimento¹

RESUMO A linguagem como distintivo do homem no mundo sempre esteve entre as grandes questões da Educação. Especialmente no que tange à formação das futuras gerações, como instrumento objetivo de um discurso que legitima ou como reconhecimento de uma subjetividade que simboliza o meio em que vive a partir do imaginário interno. Desde o logos criador representado no discurso mitológico até a técnica moderna da virtualidade, o desenvolvimento histórico necessita da compreensão humana para significar a realidade. E neste movimento existencial, a linguagem ora aparece como *phármakon* que dialoga, ora impõe conceitos universais que impedem o questionamento. A proposta deste trabalho é recuperar o lugar do jovem no diálogo que emerge no interior da escola à luz da compreensão do logos apropriação em Heidegger. Partindo de uma releitura bibliográfica que apresenta o discurso humano como meio de explicação do mundo e do homem, a partir da racionalidade, busco ouvir os estudantes do Ensino Médio sobre a existência. Com a pergunta: Quem é o jovem e quais os desafios atuais para educá-lo? Pretendo, neste trabalho, assumir o lugar da linguagem como movimento compreensivo e presença que significa a aprendizagem, assumindo a relação como projeto que revela o sentido e o outro na dualidade entre existência e essência: fundamentos do viver no mundo com liberdade e responsabilidade.

634

Palavras-chave: Educação. Heidegger. Linguagem e juventude.

1. INTRODUÇÃO

Em *Ser e Tempo*, na primeira parte, falando da presença como compreensão, Heidegger, destaca a importância da disposição como estrutura existencial que sustenta a possibilidade do existir. Nesse texto, estarei dialogando com os jovens sobre a trajetória conceitual que concebe a imagem dele no tempo e no espaço enquanto existência concreta. A partir da contribuição de Heidegger, na tese da existência progressiva, buscarei o entendimento pedagógico tentando sustentar a ideia de que o jovem ontem e hoje, no tempo (15 aos 17 anos) e no espaço (escola) é um *dasein* de relações e potencialidades. Quanto mais me distancio da conceituação metafísica do jovem, mais atento estarei às relações que o constitui como um ser no mundo.

¹Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IF, sudeste MG, Campus Rio Pomba – MG, Licenciatura e Especialização em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, Doutorando em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis-RJ.

Segundo o pensamento heideggeriano, “compreender é o ser existencial do próprio poder ser da pré-sença, de tal maneira que, em si, esse ser abre e mostra a quantas anda seu próprio existir. Trata-se de apreender ainda mais precisamente a estrutura desse existencial” (Heidegger, 2005, p. 200). No emaranhado de discursos, espero encontrar a abertura que constitui a possibilidade fundamental do ser que se projeta para a sua destinação como busca de significativa. Neste poder-ser, o humano e, aqui em nossa pesquisa, concretamente o jovem, é um projeto de existência. É uma condição lançada na complexidade das relações que se constitui como possibilidade. Como diz Heidegger, enquanto projeto, a compreensão é uma manifestação de possibilidades:

O projeto sempre diz respeito a toda a abertura do ser-no-mundo; como poder-ser, a própria compreensão possui possibilidades prelineadas pelo âmbito do que nela é passível de se abrir essencialmente. Em seu caráter existencial de projeto, a compreensão constitui o que chamamos de visão da presença (Heidegger, 2005, p. 201).

A hipótese que apresentamos é a de que a pergunta quem é o jovem não basta na reflexão pedagógica. O discurso alicerçado na metafísica e na racionalidade instrumental é inadequado na compreensão destes sujeitos. Com o intuito de verificar a validade de tal hipótese e ampliar a reflexão sobre o jovem na temporalidade, busquei escutar os jovens em sua realidade escolar. Para tanto, aplicamos duas experiências de grupo focal com os estudantes na mesma temporalidade, buscando ouvi-los em sua mensagem, numa caminhada reflexiva sobre a vida humana e suas possibilidades. Nos quadros abaixo, além das iniciais dos sujeitos envolvidos na pesquisa, destaco a idade, a série a que pertence no momento e a cidade na qual vivem.

Quadro - Grupo Focal I

Iniciais	Idade	Série	Cidade
GG	17	2 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
GV	16	2 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
HR	16	2 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
LC	16	2 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
LF	17	2 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
MC	17	2 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
PC	17	2 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
TA	16	2 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
VB	16	2 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora

Quadro - Grupo Focal 2

Iniciais	Idade	Série	Cidade
AC	17	3 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
CZ	17	3 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
EL	18	3 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
GD	17	3 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
GS	17	3 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
MS	17	3 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
RP	17	3 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
IA	17	3 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
MB	17	3 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
DA	17	3 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora
MH	17	3 ^a Série Ens. Médio	Juiz de Fora

O grupo focal pode ser definido como uma técnica qualitativa, não-diretiva, em que o investigador coordena a discussão de um grupo de pessoas. De modo geral, os participantes não se conhecem, mas possuem características comuns. Em nosso caso específico, são jovens entre 15 e 17 anos que se conhecem. No que tange às características comuns, posso destacar algumas delas: são alunos do Ensino Médio, fazem parte da classe média e vivem no Sudeste do Brasil, no Estado de Minas Gerais, na cidade de Juiz de Fora. Segundo Gatti (2005), o grupo focal é uma técnica de trabalho em grupo na qual privilegia-se a seleção dos participantes segundo alguns critérios, a partir de algumas características comuns que os qualificam para a discussão da questão que será o foco do trabalho interativo e da coleta do material discursivo/expressivo. Mattar e Ramos (2021, p. 255) definem grupo focal como um tipo de entrevista em grupo que se discute um tema de interesse para a pesquisa, produzindo assim, uma visão do grupo, e não de um indivíduo, como no caso das entrevistas individuais.

Para essa metodologia, é fundamental a interação entre os participantes, devendo o pesquisador agir como um facilitador da discussão. Nos dois momentos, o pesquisador utilizou apenas da pergunta geradora para iniciar a partilha da palavra entre os jovens, intervindo apenas no final para agradecer ao grupo pela contribuição. Nesta técnica, a dimensão social é fundamental, pois na fala de um que se expressa, existe um silêncio de tantos que atentamente pensam. Como diz Heidegger, falar é ao mesmo tempo, escutar. Mas a escuta não apenas acompanha e envolve a fala que tem lugar na conversa. Falar é escutar a linguagem que falamos. A fidelidade à questão levantada gera uma interatividade coerente com a investigação que se faz no diálogo.

E nesse processo simples e singelo, o ser misteriosamente vai se mostrando “como um imperador que não se impõe à força”, mas faz da linguagem a morada do ser que se manifesta e se apropria na disponibilidade.

Foram concebidos dois grupos focais, descritos nos quadros acima, com a participação de 20 jovens: sendo o grupo 1, com 9 alunos do 2.º ano do Ensino Médio e o Grupo 2 com 11 alunos do 3º. ano do Ensino Médio. Para facilitar a referência aos grupos, usarei a seguinte nomenclatura: GF₁ e GF₂, para cada grupo, respectivamente. Além da gravação das vozes, toda a discussão foi filmada em VHS. Isso não foi feito com a finalidade de se analisarem gestos e expressões faciais, mas para garantir fidelidade às falas, na hora da transcrição, por meio da leitura labial. O encontro aconteceu na escola, numa sala de reuniões gentilmente preparada pela diretora, que prontamente aceitou a proposta, destacando na conversa com o pesquisador, o interesse por ouvir os alunos no processo de formação. Inicialmente, seriam três grupos, envolvendo cada etapa do Ensino Médio, mas quando cheguei à escola, o primeiro ano estava fazendo uma avaliação, não sendo possível aplicar a experiência com este grupo. Após uma visita breve em cada sala dos segundos e terceiros anos, falando do objetivo da pesquisa e convidando voluntários a participar da dinâmica, dois grupos se formaram a partir do interesse dos alunos.

Os jovens que se ofereceram para participar da pesquisa sentaram-se em círculo. Foram horários diferentes. O clima foi de descontração e alegria em participar da construção científica sobre a realidade deles. Quando feita a pergunta deflagradora: “quem é o jovem para o jovem?”, o clima foi de participação e interesse. Para análise dos dados, busquei nas categorias que aparecem nas falas, dando suporte à reflexão sobre a existência juvenil a partir da compreensão heideggeriana. A vida como temporalidade emerge na diversidade de discursos como anseio de ir além do materialismo, inserindo a vida num projeto de possibilidades e sentido. E na apropriação da linguagem como palavra reveladora que tira o ser humano do ocultamento, a beleza da escola como lugar que significa as relações, viabilizando o movimento plural entre o vivido e o porvir.

Segundo Heidegger, a saga do dizer é mostrar,

tanto o brilho do aparecer como a sombra do desaparecer repousam na saga mostraste do dizer. Ela libera toda vigência para o seu vigor e confina tudo o que está ausente à sua ausência. Em sua saga, o dizer perpassa e articula o livre da clareira, esse que busca um aparecer e deve abandonar o desaparecer,

e no qual toda vigência e ausência deve mostrar e dizer (Heidegger, 2003, p.206).

Assim, integrando a força que movimenta o mostrar e o dizer, busco compreender a questão central da pesquisa: quem é o ser humano que emerge da multiplicidade dos discursos? E as alternativas de uma educação que considera cada fenômeno para além dos acontecimentos, abre caminho para o reconhecimento do outro que é presença e transcendência. Heidegger lembra que fazer uma experiência com o ser humano, e é o que eu pretendo neste caminho epistemológico, significa que esse alguém vem ao encontro, sua palavra transforma. Com respeito e gratidão à experiência de cada pessoa que colaborou com esta pesquisa, e muito mais, que partilha um pouco de sua existência com os demais, relembro a poesia citada por Heidegger, de Stefan George, intitulada A Palavra:

A palavra, milagre da distância e da quimera, trouxe para a margem de minha terra. Na dureza até a cinzenta morna, encontrei o nome em sua fonte-borda. Podendo nisso prendê-lo com peso e decisão, agora ele brota e brilha na região... Outrora eu ansiava por boa travessia com uma jóia delicada e rica, após longa procura, ela me dá a notícia: assim aqui nada repousa sobre razão profunda. Nisso de minhas mãos escapou e minha terra nunca um tesouro encontrou... Triste assim eu aprendi a renunciar: nenhuma coisa que seja onde a palavra faltar (Heidegger, 2003, p. 124).

2. A LINGUAGEM COMO MOVIMENTO PEDAGÓGICO

No latim, a palavra *dicere* é anunciar, mostrar o que significa, deixar ver, trazer para um aparecer. No discurso dos jovens, tento trazer para perto de nós, a experiência do existente no mundo que nós conceituamos. No partilhar com o outro, no dizer algo ao outro, no mostrar-se como presença, deixar fluir a confiança de ser compreendido na relação. Como diz Heidegger, em *A Caminho da Linguagem*:

O que não se fala não é somente o que não se deixa verbalizar, mas o não dito, o que ainda não se mostrou, o que ainda não chegou a aparecer. O que, portanto, deve manter-se impronunciado resguarda-se no não dito, abriga-se no velado como o que não se deixa mostrar, é mistério (HEIDEGGER, 2003, p.202).

A palavra em Heidegger é provocadora, gera movimento de apropriação da existência no mundo. Ela é a casa do ser, onde habita possibilidades de significações. O jovem quer falar. O jovem quer escutar. O jovem quer significar as suas relações no cláreo que se abre de alternativas como mostrante, como próprio. Pedagogicamente, o mais lamentável na vida é a acomodação. O movimento da linguagem supõe desassossego. Abrir espaço para que os jovens se expressem é romper com um modelo

educacional que tomou conta da cultura ocidental onde poucos falam. Para Heidegger é preciso deixar aparecer o sentido do ser que está para além dos conceitos obscuros:

E a partir da clareza do conceito e dos modos de compreensão explícita nela inerentes que se deverá decidir o que significa essa compreensão do ser obscura e ainda não esclarecida e quais espécies de obscurecimento ou impedimento são possíveis e necessários para um esclarecimento explícito do sentido do ser (Heidegger, 2005, p. 31).

Quando permito que o outro fale, mostre-se, compreendo por que o discurso de mão única é tão vazio no espaço escolar. O ser se esquia todas às vezes que tento o representar, defini-lo. No discurso dos jovens percebo como eles estão atentos às experiências marcantes de apropriação de sentido, porém, como eles rejeitam a tentativa de conceituá-los como coisas, utilidades. É preciso que na leitura e compreensão dessas expressões da alma, eu esteja atento ao mistério do ser que perpassa cada existência, numa busca pela experiência originária que, a partir do nada, rompe com o retraimento e com a ausência, transcendendo as lacunas do tempo. Nesta primeira parte da análise do discurso dos jovens, tento compreender a fala desses sujeitos como mensagem, que revela de um lado o distanciamento entre o que é dito e o que eles são; e por outro, a dificuldade em aceitar a responsabilidade pelo vazio de sentido em que está inserida toda a sociedade. O jovem 1 (GF1) inicia o diálogo falando da dificuldade de se vê como jovem. Fala de um referencial distante e que o incomoda:

Eu, por exemplo, não sei se eu me considero jovem. A gente vê o jovem como um referencial, como se fosse um referencial distante. Os jovens são estes. Eu falo do jovem como o Pelé fala que o Pelé joga muito na 3ª. pessoa.

Já o jovem 1 (GF2) descreve a mesma questão, mostrando a sua dificuldade em situar este sujeito na sociedade. Assume as escolhas como conceito mais próximo para significar este momento. Afirma que é a hora de lutar pelo que quer, mesmo não sabendo o que vai seguir:

Eu acho assim, o jovem não é nem adulto, nem criança, está numa fase em que todas as escolhas acontecem. É a hora do jovem lutar pelo que quer, o que vai seguir, o que vai ser, pelo que vai fazer ou deixar de fazer, para mim é a fase das escolhas.

O diálogo entre os jovens 1, 2, 3, do GF1 retrata bem a ideia do jovem a partir de conceitos prontos e às vezes até vazio de sentido na compreensão dos próprios jovens. O olhar do outro que pouco diz da existência concreta: “por que as pessoas simplesmente dizem você não deve, você não pode fazer isso nessa idade, aí a gente sente uma ira desgraçada”. Já o jovem 2, sem cair na generalização, descreve o distanciamento na interpretação dos adultos que segundo ele, em nada colaborará para

o amanhã destes jovens. A questão do futuro aparece em sua fala como preocupação com o coletivo, questionando a visão negativa que se tem desta fase:

O ser humano adulto, não todos, não generalizando, mas muitos destes tendem a ter este distanciamento que o J1 citou, que o jovem é irresponsável, desleixado, por outro lado, são qualidades negativas e acho que não é bem por aí que devemos começar, porque o jovem contemporâneo é a única perspectiva de futuro para o país inteiro, então não é rotulando por baixo que você vai estruturar uma corrente de pensamento positiva e assim você vai dar um futuro desejável para o jovem.

Limitar este momento a um adjetivo é o que faz o jovem 3 (GF1). Repete uma fala tão comum e que pouco diz do potencial humano em qualquer fase da vida: “o jovem é o futuro”. Existe na fala do jovem 3 (GF2) o perigo de esconder na totalidade o que é digno de ser pensado. A busca da felicidade não deveria ser um discurso metafísico, já dado e apenas querido, mas um caminhar do pensamento que visa ajudar o homem a encontrar o seu vigor. A curiosidade que o jovem 1 (GF2) fala, aproxima da busca do ser humano, quando diz que o jovem é um andarilho: procura na ausência de limites, o mistério que dê sentido em suas andanças: “o jovem é muito impulsivo, muito curioso”. A insatisfação do jovem 6 (GF2) reflete a incoerência de uma sociedade que projeta em alguns a responsabilidade pela falta de rumo. A rebeldia não é juvenil e sim uma reação à desvalorização do ser:

Eu acho que a cobrança que é feita em cima do jovem, é porque muitas vezes eles são rebeldes como o pessoal chama. Acho que se exige demais dele, se cobra muito e a expectativa não é muito boa. Vem aí a rebeldia... Uma coisa assim.

No diálogo que respeita o discurso como movimento criativo que fala e escuta, a mensagem do jovem aparece como possibilidade. O outro encontra sentido quando é reconhecido na relação e respeitado nas suas buscas e lacunas existenciais. O jovem 7 (GF2) caracteriza esse momento na dúvida que é reconhecida e compreendida como possibilidade:

Para mim o que mais caracteriza o jovem é a dúvida. Eu tenho tantas dúvidas de sentimentos, às vezes se aproxima da pessoa e a gente pensa que é amizade, passa um pouquinho e talvez seja namoro, se aproxima de outra, e talvez a dúvida de futuro, o que vai ser, se quero constituir uma família, se quero ter filhos, qual vai ser a profissão, ainda mais agora com o vestibular”.

O jovem 2 (GF1) reconhece a necessidade do mundo, das pessoas, para recomeçar a cada momento. Pede limites e referência para viver melhor. Fala do desejo de ver no mundo, outras oportunidades:

A gente chega num ponto que necessita de motivação. Como fazer se não vemos em nossos superiores que comandam a gente? Que regem literalmente a nossa vida? Como é que a gente vai mudar, aí vem imposto, vários tributos que a gente dar para União para que sejam distribuídos como meio de gerar oportunidade a educação, alimentação de qualidade, várias coisas que são desviados, má distribuídos, o que a gente vai fazer? Lutar contra pessoas extremamente poderosas. Eu penso assim, ao mesmo tempo que muita gente fica de braços cruzados, muitas pessoas que também desejam fazer alguma coisa e ficam impotentes de acordo com essa perspectiva, é uma luta de anões contra gigantes. Você não tem recursos. Eles têm recursos inúmeros, é complicado. Por mais que você queira agir, as oportunidades não são tão palpáveis.

Compreendo que é preciso ouvir o que os jovens estão falando, pois nesta fala pode estar uma comunicação existencial. O jovem 1 (GF₂) descreve a necessidade de um amadurecimento muito cedo, por conta das exigências e dos perigos que tem que enfrentar:

Acho assim, mesmo que seja verdade, as coisas estão recaindo em cima dos jovens. Temos três vestibulares em vez de um. Tem que estudar, não tem voz, as responsabilidades aumentaram e muito. Fora isso, tem a violência que influencia muito. O jovem, hoje, tem que amadurecer muito cedo.

2.2 O logos juvenil

A linguagem que perpassa os discursos deve ser considerada mais do que uma ferramenta para expressar o pensamento; ela é um pouco da existência de cada ser humano que através da palavra vai significando o mundo. No texto das Diretrizes do Ensino Médio, aparece um mensageiro, que encarregado por Zeus, deve levar aos homens o respeito e a justiça através de uma mensagem que só é compreendida através dos laços de amizade. Esse deus é Hermes, diferente na sua missão divina, pois sua mensagem nunca está completa, ela depende de uma escuta que é reveladora. Dele vem a inspiração heideggeriana, conhecida como hermenêutica: o logos partilhado na existência sempre aberta. Sinto-me no meio da floresta, em meio a tantas palavras reveladoras que convidam ao sentido ou ao ocultamento. Busco, a partir da minha compreensão que é presença existencial na temporalidade, escolher algumas que lançam o olhar sempre atento ao mistério da vida. A partir do caminho percorrido até aqui, reconhecendo cada encontro como possibilidade de sentido, respeitando cada logos como gesto criador, participo da linguagem que é morada e destino. Cada categoria emerge do encantamento que vai penetrando o *dasein*, lançando as sementes de um projeto em construção, na fadiga do trabalho árduo pede um descanso, que é linguagem como conversa prazerosa, na possibilidade de uma colheita celebrada na aprendizagem que é transcendência.

O contexto social do jovem Heidegger parece um pouco com a crise dos jovens que convivo diariamente, que insatisfeitos buscam alternativas para mostrar a necessidade de rever os conceitos e os valores que predominam em uma sociedade que esqueceu do ser. Naquele contexto, foi possível perceber o conflito no assumir o contraste entre tradição e modernidade. E, nesse, o imediatismo toma conta dessa fase que sabe que a alegria do viver cada momento é ainda a expressão do mais íntimo nesse mundo materializado. Segundo Gmeiner (1998), citando Heidegger, sem a palavra o ser não é, não deve e não pode ser. Onde há a palavra, pode revelar-se o humano. O melhor querido na fala dos docentes, como formá-los em valores, fortalecê-los no cristianismo, não é uma dificuldade dos jovens, mas infelizmente existe uma confusão na linguagem que não exerce o sentido compreensivo.

A palavra tira o ser humano do isolamento e convida-o a participar do diálogo compreensivo. Não é apenas um exercício de comunicação, mas um resgate da cidadania. O discurso que flui no percurso de um caminho que trilhamos juntos. O J6(GF1) comenta que o sistema busca moldar o jovem capitalista e consumista. Um jovem que fecha a boca e os olhos aos acontecimentos. Para ele, esse sistema que está presente na condução da sociedade, conduz o ser humano ao isolamento. O jovem que vive nesta realidade, sobre as consequências de uma história que nos deu tudo fácil. Não sabem lutar e nem manter as conquistas. Sente-se perdido nas razões existenciais. A indefinição juvenil é natural segundo os jovens. A dependência familiar com o mundo e com seu meio faz parte de um movimento de abertura. Porém, é preciso que permita no caminho a esse sujeito o habitar no mistério. A situação atual de violência, corrupção, relativismo ético, incerteza religiosa não ajuda o jovem a pensar. Pressioná-lo para o dever de mudar esse contexto com um discurso pronto e centrado em leis e conquistas econômicas, é distanciá-lo do sentido. Como diz o J1(GF2): acho que a sociedade está sentindo-se perdida.

No falar do jovem, está a possibilidade de um mostrar que conduz para um aparecer, deixando assim, apreender o que aparece e permitindo que discuta o que se apreende. O P14 expressa a necessidade de romper com os valores que vêm de casa, pois para ele, a maioria prioriza o material e a aparência em detrimento da essência. Outra questão interessante que aparece no discurso dos professores é o esquecimento que o educador é ser humano, que ele vive os mesmos conflitos e perplexidades, assumindo uma postura mecânica e até fundamentalista de uma linguagem que não é

verdadeira. Acompanhar a linguagem humana não é apenas perceber o momento certo para tocá-la, seguindo uma regra ou o apoio de uma estrutura externa. É um movimento criativo que inquieta os envolvidos, transcende a superficialidade, permitindo a relação habitar e construir. O homem que está no mundo é capaz de dizê-lo, dando nome às coisas, significando. É um aprender participativo, que como lembra o PII, se não considerado, pode levar o jovem ao retraimento, um estranho em suas emoções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dialogar com o projeto de compreensão heideggeriana, nascido da fenomenologia de Husserl, descobri que só é possível alcançar o que é familiar, se não receio percorrer a estranheza. Existe algo mais estranho e tão próximo, do que permitir que os jovens saiam da margem do discurso e seja protagonista da aprendizagem? Na abertura à convivência em sua totalidade, acredito que é possível descobrir o que é digno de ser pensado. Aqui vale lembrar que o ser humano em sua concretude no mundo, quanto mais se envolve com os modos impróprios do viver, quanto mais submerge na técnica e na ocupação vazia que faz a vida distante de seu mistério, impossibilitando a compreensão. Mais a temporalidade juvenil lança a existência num processo de abertura permanente que é estimulante, mas que carece de reconhecimento em sua singularidade. O interesse pela informática, pela moda retrata uma apropriação que é reconhecida e valorizada.

Não escutar o apelo do jovem, simplesmente conceituando o discurso da profundidade como distante desses atores, é facilitar o acesso ideológico da técnica que manipula o desejo e a imaginação para o niilismo existencial. Como afirma Heidegger, a razão iluminista instrumental não é logos e não pode conviver com o mistério; antes, desdenha dele e dos que o ouvem. Penso que o ser humano gosta de diversões, novidades, papo furado com os amigos e por que não, de sexo. Tudo isso quando vivido na significação de encontros genuínos, resgata o mistério e supera o consumismo, gera diálogo profundo que transcende as barreiras do eu, num encontro solidário que gera vida e beleza.

Defendo, neste caminho epistemológico, que assim como para Heidegger o poeta pertence à poesia, penso que educador e educandos pertencem à escola. O caminho que vai se abrindo no diálogo é presença que evoca sentido. É neste sentido,

que Gmeiner (1998) fala do logos que cede lugar ao absurdo e instala-se um fazer sem imagem, uma poesia sem valor. No momento em que a escola propõe um discurso que se distancia da vida, esse além de vazio, é alienante e destruidor. Alienante porque gera o pessimismo prático, fazendo do discurso da promoção econômica e do acesso aos recursos tecnológicos as possibilidades viáveis num espaço de gente e não de máquinas. E destruidor, porque acorrenta a convivência, impedindo o diálogo apropriador.

A escola parece ter perdido o rumo, porque ele não existe na totalidade. Ele é construído nas relações entre professores e alunos, não importando a distância acadêmica ou financeira. O caminho a ser trilhado que passa pela escola como lugar da significação, dialoga com todos, especialmente com os que vivem na carência, na indignação e aquele que não consegue aproximar do viver com sentido. Quando a escola é apenas um lugar, que se fecha em conteúdos prontos e normas autoritárias, ela se perde em parâmetros da civilização, dizendo o que pode ser dito e carecendo de uma linguagem apropriada. Em *Ser e Tempo*, Heidegger significa disposição e compreensão como existenciais fundamentais que constituem a abertura do ser-no-mundo. Para ele toda compreensão guarda em si a possibilidade de uma apropriação.

A convivência é a forma de aproximação do homem e das coisas, participando no caminho, onde sozinho divago na ilusão e impotência, mas no convívio lanço-me na aventura de um desconhecido, que anseio compreendê-lo no devir e na temporalidade. A vida deixa de ser uma imagem distorcida pelos conceitos, os desafios são partilhados, o peso repartido, as mãos seguradas na curiosidade que impulsiona o ser humano a doar-se. E na linguagem, de novo e sempre, “habitar uma distante origem, onde a terra natal nos é devolvida” (GMEINER,1998, p. 168). Chego, então, ao momento em que proponho, a partir do caminho percorrido nesta pesquisa, resgatar o sentido da dualidade para a formação humana, sem me deixar conduzir pelo dualismo que marcou uma vertente na pedagogia ocidental. O conflito apresentado pela metafísica cristã entre corpo e alma, e traduzido na modernidade por afeto e razão, chega até nós através do conteudismo tecnológico. Penso que a linguagem, na perspectiva de Heidegger é a possibilidade de abrir os horizontes da educação para o diálogo, que é convivência. A categoria da dualidade como movimento pedagógico nasce da compreensão de que a existência é um por-vir, em que erros e acertos, paixões e pensamentos, espaço e tempo, liberdade e responsabilidade, vida e eternidade são expressões do ser que é mistério e morada, o longe e o mais próximo do sentido. E o

logos como palavra criadora encontra-se no espaço de significações chamado escola, possibilidades de apropriação da existência.

O outro, aqui pensado e reconhecido, é o jovem. Situados nas margens do tempo entre os 15 e 17 anos, percebidos na regionalidade da história, na cidade de Juiz de Fora-MG,. Sujeitos abertos, representantes na temporalidade, ricos em possibilidades, transgressores dos conceitos dados, rebeldes na monotonia e dispostos na euforia criativa do vivido. A eles dedico essa busca que me acompanha pela existência, a coragem de lutar para que o ser humano não fique preso ao poder da representação e à onipotência de conceitos que paralisam o sonho. Com o jovem Martin, aprendi que o que não é pensado é um nada. Não quero que aquele que encontro todos os dias, lembranças de tantas letras e livros, textos e relatórios, avaliações e lições, sejam um esquecimento na minha disponibilidade. A arte de pensar é dada por um modo extraordinário de sentir e escutar o silêncio do sentido, nos discursos das realizações, que diz: esteja atento, cuidadoso e disponível, pois cada ser humano que você encontra é a possibilidade de um milagre. Este trabalho convida a resgatar a vontade de tentar de novo, como mensageiros do sentido, entre conteúdos, ciências, tarefas e horas marcadas, a reconhecer o sentimento que orienta nossas vivências. Sei que fui seduzido pela tentação da definição conceitual. Admito o desânimo diante da falta de autonomia no emaranhado de funções estabelecidas. Mas tenho a certeza de que como eu, existe uma insatisfação que pulsa na experiência vivida que se esquiva a toda prisão, a toda representação, que nasceu para ser livre, para abrir veredas, ainda que estreitas e escuras, mas, pulsantes da transcendência.

O discurso metafísico que ainda se faz presente, sobretudo na busca por uma educação integral, não dá conta do ser como abertura permanente. O jovem, rico em possibilidades, se vê esvaziado num cotidiano abarrotado de teorias positivistas e imaginários econômicos que lhe roubam a existência. Como afirma Heidegger: não podemos permitir que diminuam o ser humano. Que impeçam de ser caminheiros na busca pelo valor transcendental da vida. Uma das críticas mais pertinentes de Heidegger ao objetivismo pedagógico é quando ele lembra que orientamos nossas concepções segundo as necessidades da vida; onde, na verdade, deveríamos fazer o contrário, o ser é interioridade que resiste, desafia e transforma. O jovem que conheço parece confirmar essa hipótese, especialmente no retraimento diante das questões existenciais. Entes individualistas e pragmáticos, porém, vazios de sentimento e

significação. Para o jovem Martin, existe um caminho a trilhar, que vai além de todas as loucuras e seduções do materialismo. Esse caminho é a linguagem como morada que possibilita a apropriação da existência. Por isso, só resta encarar, a floresta escura e precisada de sentido, que convida a buscá-lo nas marcas do tempo. E essa foi a meta desta pesquisa, compartilhar da linguagem que é presença e compreensão, descobrindo o modo e a orientação da existência humana.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Trad. Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARMSTRONG, Karen. Breve história do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ARROYO, Miguel G... Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS E TÉCNICAS (ABNT). NBR 6023, Informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.

BAPTISTA, Marcos; CRUZ, Marcelo Santos; MATIAS, Regina. Drogas e pós-modernidade. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

BETTO, Frei. A mosca azul: reflexão sobre o poder. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – cuidado pela terra. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHALITA, Gabriel. Vivendo a filosofia. São Paulo: Ática, 2005.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2003.

CORTELLA, Mario Sergio. Não nascemos prontos: provocações filosóficas. Petrópolis: Vozes, 2006.

COTRIN, Gilberto. Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas. Belo Horizonte: Saraiva, 2000.

FREITAS, Ana Lúcia S. de F. Da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica. Revista de Educação AEC: Educação um paradigma para a escola do século XXI, Brasília, v.31, n. 123, p. 84-97, abril-junho 2002.

FUKUYAMA, Francis. A grande ruptura: a natureza humana e a reconstituição da ordem social. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Vozes, Petrópolis, 2003
- HEIDEGGER, Martin. *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Parte I. 14^a. Edição. Petrópolis: Vozes, 2005
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Parte II. 13^a. Edição. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HRYNIEWICZ, Severo. *Para filosofar hoje: Introdução e História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Santelena, 2001.
- INWOOD, Michael. *Diccionario Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- LIBÂNIO, João B. *Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MALDONATO, Mauro. *A subversão do ser: identidade, mundo, tempo, espaço- fenomenologia de uma mutação*. São Paulo: Petrópolis, 2001.
- Métodos e técnicas de pesquisas científicas / organização Lúcia Vaz de Campos Moreira, Jardelino Menegat; prefácio Pedro Paulo de Carvalho Rosa. – São Paulo : Editora Dialética, 2021.*
- MORAES, Alfredo de O.. *Linguagem e cultura*. Revista de Educação AEC: Linguagem, cultura e gestão, Brasília: Salesiana, v.32, n.129, p. 99-105, outubro-dezembro 2003.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- NOVAES, Adauto(Org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- OLIVEIRA, Inês B. de O.. *Linguagem, senso comum e o discurso da escola e sobre a escola*. Revista de Educação AEC: Linguagem Cultura e Gestão, Brasília: Salesiana, v.32, n.129,p.40-45,outubro-dezembro 2003.
- O’ SULLIVAN, Edmund. *Aprendizagem transformadora: uma visão educacional para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 2004.
- PERRENOUD, Philippe. *Novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- POZO, Juan Ignácio. *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ROMÃO, José Eustáquio. *Pedagogia dialógica*. São Paulo: Cortez, 2002.

RUSSELL, Bertrand. *História do Pensamento Ocidental: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SAFRANSKY, Rüdiger. *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo: Geração Editorial, 2000.

SERRANO, Glória P. *Educação em valores*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, Mariluze Ferreira de Andrade e. *Platão e os fundamentos da linguagem*. *CADERNOS DE ATAS DA ANPOF*. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/parcerias>>. Acesso em: 23 ago. 2006.

SOUZA, Geraldo L. *Dialética: a terceira via da educação – de Heráclito a Paulo Freire*. Brasília: Alfa, 2003.

SOUZA, Regina M. de. *Escola e Juventude: o aprender a aprender*. São Paulo: Paulus, 2003.

TIBA, Içami. *Adolescentes: quem ama, educa*. São Paulo: Integrare Editotra, 2005.